



“ALGO FORTE DEMAIS”: O TESÃO NA VIDA DE NONAGENÁRIAS

Eixo Temático 18 - GÊNERO, SUBJETIVIDADE E ENVELHECIMENTO: INTERSECCIONALIDADES E ÉTICO-POLÍTICAS DO “BEM-VIVER”

Anamaria Ladeira Pereira¹

Lina Ferrari de Carvalho²

RESUMO

Com base em fundamentação teórica feminista contracolonial, nos arriscamos a afirmar que as velhices, as *corpas velhas*, desafiam as teorias de gênero e sexualidade com a sua simples e extraordinária existência. O que ocorre quando envelhecem mulheres educadas para a submissão e a obrigatoriedade de casar virgem, ter filhos e cuidar do lar, com pouquíssimo direito e estímulo à produção de (re)existências próprias, para além de enquadramentos normativos? Tendo em vista que *corpas* longevas sofrem ainda mais cerceamentos e regulações, analisamos as trajetórias de duas nonagenárias vivas, de classes sociais e pertencimentos raciais distintos, numa abordagem interseccional. É preciso dizer que mulheres velhas existem. Seguem experimentando prazeres e eróticas outras. E desejam.

Palavras-chave: Mulheres velhas, Velhice feminina, Desejo, Gênero, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de perguntas instigadoras que ambas autoras recebemos durante as aulas da disciplina “Corpo, gênero e sexualidade: intersecções com o envelhecimento”, no segundo semestre de 2024, no ProPEd/PPGPS UERJ.³ Especialmente a seguinte questão: Como a velhice desafia as teorias de gênero e sexualidade, que são construídas a partir da infância, da juventude e da vida adulta? Com base no referencial teórico feminista contracolonial, que apresentaremos a seguir, percebemos que a velhice tem sido invisibilizada

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, bolsista CAPES, anamariatudojunto@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, bolsista FAPERJ, lina.ferrari.c@gmail.com

³ Disciplina ministrada por quatro docentes: Fernando Pocahy, Késia dos Anjos, Thalles do Amaral e Ullissis Paixão.

* Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



por diversas áreas do conhecimento e ainda assim, todos os dias, as desafia. Construídas a partir de corpos que, socialmente, são considerados na “flor da idade”, teorias de gênero e sexualidade parecem excluir, de certa forma, as *corpas velhas*, flores murchas, folhas secas, que se racham, corpos que perdem a firmeza, ainda que seus avessos estejam, quem sabe, mais firmes do que nunca.

Aqui, nos referimos, especificamente, aos corpos de mulheres assim designadas ao nascer, cisgêneras, e que, paridas nas primeiras décadas do século passado, apesar de todo o peso das normativas e regulações de gênero, à sua maneira, desviaram da rota preestabelecida, viveram seus zigue-zagues. Isso nos “lembra de mestre Bispo. Ele dizia: ‘Tudo que é reto mente’. Aquilo que desvia talvez sejam as coisas mais bonitas que nos ocorreram”.⁴ Somos desviadas e também somos netas, bisnetas, sobrinhas e sobrinhas netas de outras desviadas, ainda vivas de se pegar ou vivas em nós. Por isso, desenvolver um trabalho cujas protagonistas sejam nonagenárias nos motiva.

Apesar de arriscadas e de difícil acesso, existiram, desde sempre, brechas, frestas, rachaduras na malha do destino determinado por uma sociedade patriarcal e machista que odeia mulheres, sejam elas cis ou trans. No caso específico deste trabalho, expomos o ódio secular a mulheres que sangravam mensalmente, como mensalmente cambiam as luas; corpos que podem, mesmo que nem sempre possam, carregar novas pessoas dentro de si (mas nem por isso todas têm o sonho de ser a primeira morada de alguém). Ainda quando a obrigatoriedade de parir era mais forte do que atualmente, havia as que escapavam dos enquadramentos normativos, como veremos a seguir.

Sabemos que, historicamente, mulheres foram educadas para a submissão, o silêncio, o comedimento e a obrigatoriedade de casar virgem, para seguir a “verdadeira missão feminina de esposa e mãe” (Louro, 2009, p.449), de acordo com um sistema de gênero regido pela branquitude. Essas mulheres, especialmente as nascidas nos anos 1920 e 1930, inúmeras vezes ouviram que deviam, acima de tudo na vida, almejar um bom casamento e ter muitos filhos, e que para alcançar esse “*sonho de princesa*” deviam ser prendadas, boas moças, amorosas e compreensivas, prontas para acolher e perdoar os deslizos de todos os membros da família e ao mesmo tempo ser o mais perfeitas possível dentro desse molde. Essas mulheres,

⁴ Fala de Geni Núñez em “Vera Iaconelli e Geni Núñez desconstroem senso comum sobre maternidade, cuidado e gênero”. Disponível em: <https://quatrocinco.com.br/noticias/a-feira-do-livro/vera-iaconelli-e-geni-nunez-desconstroem-senso-comum-sobre-maternidade-cuidado-e-genero/> Acesso em 22 abr. 2025.



desde muito jovens, enfrentaram inúmeras dificuldades na criação de margens para resistir à falta de direito à existência própria. O que ocorre quando envelhecem?

METODOLOGIA

Priorizamos a mesma metodologia usada pela primeira autora durante a sua pesquisa de mestrado: as conversas, “porque as entendemos como potencializadoras de escuta e diálogo, diferentemente do que entendemos por entrevistas, nas quais há cortes para que se passe para a próxima questão, já esquematizada” (Pereira, 2022, p.70). Também seguimos os passos de Grada Kilomba (2019), que defende as pesquisas como espaço para a partilha de experiências entre pesquisadoras e informantes e demanda envolvimento com a problemática. Vale acrescentar que “numa conversa, a gente ouve e faz comentários espontâneos, a gente traz a própria vivência para a roda; expomos parte do que vivenciamos, construindo em parceria um método pouco metódico, que nasce apenas quando conseguimos criar conexões” (Pereira, 2022, p.70).

Ouvir experiências de mulheres nonagenárias da nossa rede afetiva e, a partir de suas histórias, pensar sobre o problema da invisibilização da velhice nas teorias de gênero e sexualidade, portanto, foi o método escolhido. Alinhavamos, aqui, uma “escrita ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos (...) que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (Barros; Kastrup, 2009, p.73). Vamos adiante, interessadas em escutar vozes que costumam ser silenciadas ou para as quais a atenção, em geral, não é destinada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiro, é necessário ter em mente os marcadores da diferença em qualquer análise, visto que há diferenças gigantes de acordo com a raça e a classe, por exemplo. Até pouco tempo atrás, no sistema escravocrata e nos primórdios do capitalismo, as pessoas negras e indígenas tinham uma expectativa de vida muito reduzida. Até os dias de hoje, pessoas negras e indígenas têm, em geral, uma expectativa de vida bem menor do que a de pessoas brancas,⁵ reflexo desse cenário histórico e político ainda arraigado no racismo e na falta de políticas de

⁵ Como aponta a matéria de Chico Regueira e Raoni Alves: “Diferença da expectativa de vida da pessoa negra no RJ chega a 22 anos, dependendo do município”(2020). Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/14/diferenca-da-expectativa-de-vida-da-pessoa-negra-no-rj-chega-a-22-anos-dependendo-do-municipio.ghtml> Acesso em: 22 abr. 2025.



reparação. Vale dizer que as pessoas negras e indígenas vivenciam o envelhecimento (bem como todas as etapas anteriores da vida) de modo diferente da velhice de pessoas brancas.⁶

As teorias de gênero e sexualidade precisam levar em consideração raça, classe e geração, numa perspectiva interseccional. Igualmente, é imprescindível relacionar o campo do envelhecimento a questões de gênero, raça/etnia e sexualidade (Pocahy, 2022). De todos os modos, quando entram na menopausa, ou seja, quando *perdem* a capacidade de procriar elas são encaradas como quem já cumpriu seu papel na sociedade (caso não tenham tido filhos, serão apontadas, até o fim de seus dias, como fracassadas nesse aspecto). É como se um corpo velho, uma *corpa velha*, não tivesse mais tesão, como se houvesse vencido o prazo de validade da sua sexualidade, como se a partir de determinado acontecimento o tesão evaporasse desses corpos.

Talvez, realmente, o desejo vá se consumindo, se transformando, talvez superdimensionemos o sexo, o ato sexual em si ou, ao contrário, o entendamos, em geral, de maneira muito reduzida. Por outro lado, qual o interesse envolvido no entendimento de que o tesão tem uma data limite para existir em nós? Um subtítulo de Guita Debert, em seu artigo Feminismo e Velhice (2013): “As jovens idosas e as idosas muito idosas”, me instigou a pensar no que ela aponta como a necessidade de estimular a solidariedade entre diversas gerações. Debert marca a urgência de que sejam revistos os estereótipos com que a velhice é tratada e chama à reflexão as feministas centradas no culto à juventude, desinteressadas pela temática, como se jamais fossem envelhecer.

Este trabalho é escrito a partir da sorte de convivemos intimamente com duas nonagenárias, de duas regiões do Brasil diferentes das nossas. Somos uma sudestina e uma nordestina. E nomearemos as nossas interlocutoras com sua origem geográfica para enfatizar a distância imensa entre elas, não apenas no que diz respeito aos milhares de quilômetros que as distanciaram ao nascer. São mulheres pertencentes a diferentes grupos étnicos e a distintas classes sociais. Uma delas, a nortista, não branca, com ascendência indígena, ficou órfã de mãe aos dois anos, foi a caçula de nove irmãos, perdeu alguns pra doenças como tuberculose e pneumonia e uma irmã sua morreu dando à luz. De família paraense, veio para o sudeste em

⁶ Conforme a matéria de Mariza Tavares: “‘O Brasil é negro, mas o envelhecimento é branco’, lamenta especialista” (2024). Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2024/10/20/o-brasil-e-negro-mas-o-envelhecimento-e-branco-lamenta-especialista.ghtml> Acesso em: 22 abr. 2025.



busca de uma vida melhor. A outra é branca, sulista, de família com possibilidades financeiras favoráveis; veio para o sudeste ainda criança, também em busca de uma vida melhor, morou diante do mar de Copacabana. A nortista veio para o sudeste já casada, com crianças a tiracolo, e morou na zona norte, entre o Alemão e a Maré.

Ambas, com suas gigantescas diferenças de raça e classe, vivenciam sua sexualidade, à revelia das teorias que ignoram a existência de mulheres como elas, velhas, inegavelmente velhas nos seus mais de noventa anos, vividas e cheias de histórias para contar. E, aqui, reiteramos a importância de defender o termo “velhas” em vez de “idosas”, de mãos dadas com Eliane Brum (2014) e Debora Diniz (2025), visto que o uso de eufemismos serve mais para maquiagem e destituir de poder essa fase da vida do que para demonstrar um suposto respeito. Nessa perspectiva, uma indagação de Silvana Tótora, a respeito de por que se deseja viver muito, nos fez ponderar bastante sobre como a nossa sociedade vive imersa na busca por adiar o máximo possível a velhice sem preocupar-se de fato em ampliar as vivências. Como Tótora afirma: “Certamente não é para atingir uma idade avançada [que desejamos viver tanto], mas para experimentar *algo forte demais* no encontro com as potências da vida, a despeito das doenças ou com elas mesmas” (2013, p.14, grifo nosso).

Voltando às nonagenárias, sem termos nos afastado delas, apresentamos mais alguns detalhes: a nortista fala do tesão como algo do passado, mas ainda bem vivo na memória, teve duas filhas e, culpada por ter abortado o terceiro rebento e nunca mais poder engravidar, adotou um menino. Ela comenta que o marido era *um tesudo* e que acabariam “fazendo um filho após o outro”, caso não tivesse perdido os ovários devido a complicações. O útero, contudo, ela manteve e gosta de afirmar que “fui regulada até os 56 anos”, ou seja, entrou na menopausa apenas a essa idade. O marido era *um tesudo*, isso ela repete aos risos, e eles tinham uma vida economicamente desfavorecida, mas com um bocado de alegrias, pulavam carnaval todos os anos, se apaixonaram pelo Rio à primeira vista. Ainda não havia o sambódromo, a folia era na rua, para todo mundo.

A sulista também se apaixonou pelo Rio e pelo carnaval, era de uma família endinheirada e assim permaneceu. Curiosamente, também viveu um aborto; não queria ter filhos, portanto não teve. Tem muitas amigas, de diferentes faixas etárias e um grande desejo de reler todos os livros que marcaram sua vida, além de conhecer novas narrativas. Outro dia, após um bom tempo olhando a piscina, numa manhã especialmente azul, comentou



que teve um “orgasmo de sol”. Diante da expressão incrédula e surpresa que fizemos, apenas acrescentou, com um sorriso que dava a volta na cara: “foi bom”.

Apesar das muitas diferenças entre suas características e caminhadas, há questões que as aproximam, como o fato de que ambas levaram muito tempo para “assumir” seus cabelos brancos. E não, não estão satisfeitas com sua aparência atual, pois, adoravam sua aparência jovem, mesmo quando já eram velhas. Contam que foram muito felizes na faixa dos setenta anos, por exemplo. A nortista, ao se tornar bisavó. A sulista, ao realizar um grande sonho pessoal e profissional. Ambas adoravam o vigor que sentiam ao poder dançar. Hoje, esbanjam outras perspectivas de vigor e beleza, ainda que dependam de bengalas e temam cair (sendo as quedas perigosíssimas em sua faixa etária). Seja como for, seguem contando suas histórias, dando suas gargalhadas, sofrendo também com as limitações do corpo e as dores, ainda que louvem a vivacidade, a alegria de seguir tendo uma “cabeça boa”. De similar, cultivam o gosto pelos jogos de tabuleiro, por comidas caseiras, por dias de sol, por ganhar flores e por ser ouvidas. Ouvi-las é empreender uma viagem no tempo, estando bem plantadas no presente. A identificação que sentimos não deixa de surpreender a nós, autoras, mulheres na faixa dos quase trinta e dos quarenta anos, a uma distância aparentemente incomensurável das vivências dessas nonagenárias, porém, em muitas medidas, também próximas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sexualidade segue viva e presente em corpos velhos de mulheres como as que tivemos a oportunidade de conviver e dialogar. Aí estão exemplos vivos, vivíssimos da silva, de duas mulheres nonagenárias, de classes sociais e etnias diferentes, com trajetórias extremamente distintas, uma nascida no alto do mapa, no finzinho dos anos 1920 e a outra, na outra ponta, no começo dos anos 1930. Mulheres quase centenárias, ambas consideradas belíssimas em suas juventudes e belas em sua idade madura, que casaram com homens e permaneceram com eles por mais de meio século, cada uma, até ficarem viúvas. Mulheres cujas vidas, em geral, com raríssimas exceções, não fazem parte da literatura ou do audiovisual com personagens de destaque, e tampouco são consideradas por quem desafia as teorias de gênero e sexualidade. Mas existem. Seguem existindo. Experimentando eróticas outras. Habitadas por inúmeros desejos.



REFERÊNCIAS:

BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. *Cartografar é acompanhar processos*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DEBERT, Guita Grin. Feminismo e Velhice. *Sinais Sociais*, v. 8, p. 15-38, 2013.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. RJ: Cobogó, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In Mary del Priore (org), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

PEREIRA, Anamaria Ladeira. *Memórias dissidentes de professoras de crianças: episódios de lesbofobia cotidiana*. 181 f. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

POCAHY, Fernando Altair. Extensão na/com a diferença: gênero, sexualidade e envelhecimento. *Diversidade e Educação*, v. 10, n. 1, p. 139-155, 2022.

TÓTORA, Silvana Maria Corrêa. Genealogia da velhice. *Revista Ecopolítica*, v. 6, p.04-21, 2013.